

UM VIAJANTE ESPANHOL NOS TRÓPICOS: JUAN VALERA E A DESCOBERTA DO BRASIL

Rodrigo Vasconcelos Machado (UFPR)¹

Resumo: *Este estudo mostra a adequação do conteúdo das cartas de Juan Valera para a compreensão do contexto sócio-político brasileiro. Além disso, também evidencia como as cartas influenciaram sua escrita.*

Palavras-chave: *Valera; cartas; Brasil; escrita.*

Em 1822 D. Pedro I põe fim à situação colonial brasileira, ao declarar a independência do Brasil. Trezentos anos como colônia portuguesa deixaram marcas na formação do povo brasileiro que o diferenciavam dos demais vizinhos hispano-americanos. A visão de um paraíso brasileiro, portanto, muda razoavelmente com o passar dos anos. A capital do jovem império era então a cidade do Rio de Janeiro que concentrava a administração e era o centro do país. A “corte” como era conhecida nos diversos romances dos escritores do período ditava as normas e as modas do bom gosto que chegavam com atraso, sobretudo de Paris. O Brasil buscava outros exemplos culturais para substituir Portugal e a capital francesa teve uma influência que durou até metade do século XX. A rua do Ouvidor concentrava a vida intelectual e era o local onde surgiam as modas que seriam imitadas por todos, conforme descreve Joaquim Macedo. Nessa época os transportes entre as províncias eram precários e se faziam por via marítima ou pelas antigas trilhas dos desbravadores. As linhas férreas eram escassas e o contato com o exterior demorava. Um país de dimensões continentais e com meios de comunicação precários implicava atrasos em vários setores. Era nesse contexto que o jovem escritor espanhol Juan Valera (1824-1905) teria a sua experiência brasileira. Para compreender melhor como se deu o aproveitamento das experiências que teria iremos fazer um comentário sobre a questão da viagem e, posteriormente, analisaremos alguns fragmentos de sua correspondência do período em que viveu no Brasil, isto é, de 1852 a 1853.

A situação de viagem, mais do que isso, de estrangeiro propicia discussões acerca de valores estéticos, conflitos humanos e sentimentos nacionais. Ao

¹ Professor na UFPR. Titulação: Doutor. E-mail: rymachado@yahoo.com.br.

compreender a narrativa de viagem é preciso não perder de vista que o viajante, percorrendo território pouco ou nada conhecido dos europeus, narra sua experiência como fenômenos aos quais não está familiarizado e ao contar pretende ostentar alguma verdade sobre o que narra ao mesmo tempo em que tenta explicar a realidade que aborda pela primeira vez. Deste modo, entre as muitas formas de figuração da narrativa e dos narradores de viagens no século XIX, pode-se dizer que nas cartas, o narrador, pela sua evidente aproximação com o perfil de um cronista, não institui ou cria ficções; ele liga eventos ou momentos isolados ao relacionar elementos dispersos no tempo e no espaço. Inevitavelmente, ele cria, imagina e fabula, mas constrói sempre uma história controlada que é permanentemente ratificada por outros viajantes ou até mesmo por alguns historiadores. A viagem ligada à memória é um tema recorrente da literatura universal de todos os tempos. Seguindo modelos clássicos como Dante ou Virgílio, entre outros, também o livro de Italo Calvino, *A cidade invisível*, possui a estrutura de uma viagem através do tempo. Essa parece ser a concepção de viagem apresentada pelo personagem Marco Polo. O passado está irremediavelmente perdido, a viagem ao longe é uma viagem para dentro de si. Como *Em busca do tempo perdido*, de Proust, o tema da viagem ligada à memória, à recordação, atravessa todo o livro. *A cidade invisível*, além de inserir-se de forma brilhante no âmbito dos livros que abordam a temática da viagem, tão recorrente na literatura, coloca-se no campo da pesquisa sobre a cidade, encarada como símbolo e como lugar mental. Quando lemos os fragmentos do romance, não como uma sequência, mas como um texto único, ocorre uma superposição quase surrealista das cidades, o que resulta numa nova realidade, a da metrópole contemporânea como imagem mental. O livro, no fundo, indaga a respeito dos aspectos que agem no imaginário coletivo, ou individual, a ponto de transformar o espaço real de uma cidade em um lugar da mente. Antes, o viajante era guiado não só pelas motivações de conquista territorial e ganância econômica, mas também, quando sua empresa se desenvolvia pacificamente, pela procura do exótico, isto é, pela experiência do outro e da alteridade.

Por outro ponto de vista, sublinhemos que se a viagem é um encontro com o “outro”, experimentado como dramatização da relação entre identidade e diferença, esse viajante – ele ou ela – é ao mesmo tempo catalisador para uma “identificação” do outro, do nativo, do explorado, do descoberto ou do descrito, e representado como objeto do seu discurso. Assim, se estabelece uma zona de contato, na qual a cultura representada discursivamente pelo viajante espelha-se imagetivamente e se desenvolve iluminada pelo foco do olhar observador do explorador, isto é, dentro do regime de visibilidades que inaugura. Este ponto é importante para lembrar que a literatura de viagem no Brasil foi, desde o início, um discurso fundador. Os relatos de viagem, as cartas e crônicas da colônia, os resultados das expedições naturalistas e os testemunhos biográficos ou ficcionais dos viajantes sempre foram um campo de estudo reconhecido pela historiografia nacional, fundamental para a discussão sobre a constituição histórica da identidade brasileira. Demarcando-se estes dois extremos da aventura de viagem, é preciso

avisar que enquanto se trata de relatos literários de viagem, de ficções ou de representações artísticas, a fronteira entre a formação imaginária do objeto de estudo, por um lado, e a constituição de uma imagem de si, por outro, nunca é tão clara e, portanto, permite que valores e significações circulem com menos resistência entre as duas posições.

A aventura de exploração do Brasil profundo, na qual o viajante se depara com algo impenetrável, absolutamente exterior, mas também com o desafio ou a ameaça a sua própria integridade. A demanda de uma identidade cultural brasileira, diante dos padrões universais, remonta a uma tradição de narrativas de viagem, iniciada no século XVI, quando uma enorme gama de práticas enunciativas produzia uma representação do mundo não europeu para os europeus. Nos textos escritos por vários viajantes até o século XIX revela-se a recorrência de estratégias e tropos do discurso colonial e pressupõe-se a formulação de questões a partir de premissas que buscam legitimar a construção de uma identidade não europeia a partir da visão eurocêntrica. Os princípios da semelhança, da analogia e de referência criam as condições de possibilidade para a representação do outro, e os modos conceituais estabelecidos pela tradição do pensamento europeu determinam não só o que se considera ser a realidade objetiva como o que se seleciona para descrição. Tais modos determinam, portanto, os temas e motivos que circulam nos textos, sua própria estruturação, e a posição estratégica dos autores com relação ao objeto. Os relatos de viagem manifestam uma forma de apreensão que responde a uma visão totalizadora e a uma perspectiva confirmatória, projetando um modelo de representação da alteridade com implicações epistemológicas e políticas que ainda repercutem em textos do século XX. Estes, porém, respondem, de maneira sintomática, a representações que se expressavam, até então em processos de essencialização que projetam a identidade cultural brasileira de maneira estereotipada, homogênea e inferior, que pressupunham um ideal de progresso europeu e, posteriormente, norte-americano, em direção ao qual o país estaria se movendo, atrelado que estava ao chamado processo civilizador de nítida marca etnocêntrica.

O século XIX correspondeu ao duplo esforço de construção de uma consciência da nacionalidade e de uma literatura com traços peculiares, esforço através do quais escritores e propagandistas buscaram afirmar sua própria identidade. Essas tarefas interdependentes fundamentaram-se, em larga medida, nas experiências de viagem - entendida esta como deslocamento individual de representantes da elite intelectual-econômica. Assim é que a visita à Europa tornou-se etapa decisiva na educação dos líderes de nossa sociedade e que os relatos de viajantes estrangeiros forneceram o espelho para que se traçasse (por cópia, desdobramento, correlação ou confronto) um autorretrato da cultura brasileira. Assim, o século XIX apresenta duas tendências majoritárias de viajantes, o científico e o sentimental. O primeiro em procura da descoberta na aventura exterior e o outro do desenvolvimento e da formação interior. Este panorama representa o exótico em sua versão moderna como o que é excluído e inalcançável pelo espírito conquistador do viajante. Ou o viajante tenta incorporá-lo no sistema de

conhecimento por meio de exemplificações e semelhanças ou se apresenta como desafio de ir cada vez mais longe, de chegar mais perto e de se expor cada vez mais no processo de autoconhecimento por meio da experimentação.

Quando Juan Valera começou a escrever suas cartas a seu amigo Serafín Estébanez Calderón se delineava uma amizade intelectual que tinha como resultado a descoberta do mundo e da ficção pelo jovem aprendiz. O período da redação do epistolário ia de 1852 até 1853. O exercício da escrita nesse momento tinha como novidade o contato com uma realidade diferente da europeia. Antes da partida para o seu novo destino, Valera faz planos de exploração de outros países tendo em mente os contrastes que iria encontrar pela frente:

Dicen que en el Brasil no tenemos nada que hacer, por manera que me sobrará tiempo para el estudio y para viajar por las repúblicas españolas del Río de la Plata, Montevideo y Paraguay. Si me encontrase allí con fuerzas, tiempo y dinero, enderezaría hacia Córdoba, salvaría las cordilleras y llegaría hasta Chile. Mucha curiosidad tengo de conocer estos países, cuya naturaleza gigantesca y naciente civilización deben formar contraste prodigioso con las cosas de por acá (Valera 2002: 174).

O tempo sobrava, mas o dinheiro não. O que implicou poucas viagens de exploração do continente e até mesmo no Brasil, ficando restrito à região da capital brasileira: “[...] el dinero, que me falta, y la salud, que no me sobra, se conjuran a que yo no viaje y vea otros puntos de este vasto Imperio” (Valera 2002: 208). Viver no Rio de Janeiro possibilitaria uma gama variada de experiências, pois a realidade americana era diferente do que ele conhecia:

Aquí me fastidio ferozmente, aunque no por eso desconozco la hermosura y portentosa fertilidad de estos campos, y cuán briosa, gigantesca, y rica es la naturaleza en este nuevo continente y por estos climas. La novedad de los objetos que se ofrecen a mi vista les da singular atractivo, y la imaginación los engrandece y ensalza, suponiendo como presentes cuantas cosas sabe que andan enlazadas con ellos (Valera 2002: 178).

A atmosfera picaresca se verifica na maneira irônica de registrar uma realidade que operava uma justaposição de culturas e mesmo restrito à capital tinha Valera vários motivos para continuar escrevendo: “[...] por fortuna, aun sin salir de casa, son tantas y tan estupendas las cosas que en ella suceden, que siempre tengo a mano qué contar.” (Valera 2002: 208). A sua experiência nas cortes europeias seria um elemento para contrapor-se à realidade social de uma sociedade que se baseava na escravidão, isto é, o pensamento ocidental que sedimentava os conhecimentos da intelectualidade naquela época era muito menos capaz de admitir o Outro, salvo se o reduzisse ao Mesmo, mediante uma empresa de sujeição

e de assimilação. Destarte, as ambiguidades estariam por todas as partes quando se desse o encontro. Os paradoxos de um sistema que era fundado nos mesmos princípios europeus, mas numa realidade totalmente nova em relação à europeia era um desafio permanente para o missivista, como, por exemplo, quando Valera descreve as tentativas dos brasileiros de se civilizarem:

Razón tiene Vuestra Merced en decir que esta tierra ha de ser poco divertida y su gente ni amable en el trato, ni amena en la conversación. En balde se afanan los brasileños porque los crean civilizados. No sólo la elegancia en los modales, la finura y la gracia en el decir, y la cultura y la erudición de los europeos, sino mucho que aprender en la mejora material del Imperio, que hasta ahora no es rico, sino porque Dios quiso darle tranquilidad y estupendas riquezas naturales (Valera 2002: 187).

Em Portugal Valera tomou conhecimento do idioma português, porém no Brasil tinha que tomar cuidado ao usá-lo devido às diferenças de significação: “[...] en Río-Janeiro hay que andarse con tiento al hablar, porque muchas palabras inocentísimas en otros países tienen aquí un significado obsceno o sucio, y si no le tienen, la malicia se le presta” (Valera 2002: 181). Além do sentido malicioso que podiam ter as palavras existia a possibilidade de misturar os idiomas: “Lo que es mi jefe se explica en una jerga diabólica, semi-portuguesa, semi-franco-hispana, a propósito para matar de risa cuando no de fastidio” (Valera 2002: 185). Valera tenta então conhecer um pouco mais o idioma do país e para tal compra um dicionário:

Mucho me maravilla y asusta la inmoralidad de estos pueblos primitivos, la cual, en este mismo instante, vengo yo a sacar en claro con solo echar una ojeada al recién comprado diccionario; pues considerando que para decir *virtud* se valen de este circunloquio: *tupaná recóporocazaba* y para decir *virgen* ensartan la siguiente retahíla: *cuñá nitio rañé yaiba vaé*, caigo en la cuenta de que no las virtudes ni las vírgenes son indígenas del Brasil, y no se ha de achacar a pobreza del idioma la falta de estas palabras, cuando estoy viendo que las tienen cortas y muy del caso para significar puta, vicio, lujuria, etc. (Valera 2002: 189).

A capital do Império por centralizar a vida administrativa, social e cultural do país possibilitou que Valera entrasse em contato com uma diversidade que lhe permitiu ponderações que coadunam com a de muitos outros viajantes que por aqui passaram, porém o seu caso era diferente dos demais. Sendo segundo secretário da embaixada espanhola e com vencimentos que não lhe permitiam maiores incursões no interior do Brasil, Valera acabou se restringindo à região da cidade do Rio de Janeiro, onde pôde elaborar várias observações. Uma delas seria quanto à questão da escravidão, que estava presente no cotidiano da sociedade brasileira. Antes de verificar como Valera pensava sobre essa questão, temos que

considerar que suas ponderações foram adquirindo matizes peculiares ao longo da sua vida, visto que era um humanista em formação e, portanto, se algumas observações foram infelizes naquele momento, teve tempo de saber reavaliá-las em vida. Inicialmente, ele está longe de ser um Cotrim do romance de Machado de Assis, que mandava castigar aos maus escravos e era ao mesmo tempo membro de uma irmandade religiosa. Valera destaca nas suas descrições a maneira de ser dos escravos e expõe um ponto de vista ambíguo. Descreve numa carta, por exemplo, as confusões dos escravos que seu chefe tinha que resolver de modo jocoso. Esperava também poder ter algum tipo de relacionamento mais profundo com as escravas ou mulatas do Rio de Janeiro, mas se decepciona:

Me consuelo, pues, con lo que hallo para el consumo público, que no es cosa buena ni segura; negras y mulatas sobre todo. Con respecto a estas me llené yo de ilusiones y falaces esperanzas al venir de Europa, y tocar con el vapor en Bahía, antigua capital del Imperio, porque allí la raza de esclavos es hermosísima e inteligente; aquí, por el contrario, estúpida y deforme. Los portugueses y los brasileños arremeten no obstante con ellas, como Santiago con los moros, de donde provienen muchísimos mulatos, más horribles aún que sus progenitores de África (Valera 2002: 183).

Valera coloca a problemática da escravidão como um elemento do cotidiano da sociedade em que estava vivendo, mas sem maiores questionamentos sobre o tema. Antes pelo contrário, até justifica a necessidade da escravidão no Império do Brasil:

[...] pero la mayor parte de la gente del Congo y de Guinea, idólatras groseros, que viven, si esto es vivir, exterminándose unos a otros, y dejados de la mano de Dios, pienso que ganan siendo esclavos; ya aprendiendo algo y puliéndose si son para hombres, ya si no pueden pasar de bestias, domesticándose y bebiendo aguardiente de cañas. De lo conveniente, cuando no indispensable, que es la esclavitud en este Imperio extensísimo y que apenas cuenta 6 millones de habitantes, no hay para qué hablar. Las colonias de europeos son costosas, y sirven poco en estos climas abrasadores para el rudo trabajo de desmontar bosques frondosísimos y primitivos. Los indios bravos, que aún andan errantes por esos bosques, no quieren someterse a la vida laboriosa y sedentaria, y prefieren la muerte (Valera 2002: 183-184).

No trecho acima se reflete uma ponderação que contraria todos os avanços feitos pelo Iluminismo e pelos direitos do homem presentes nas constituições derivadas dos Estados Unidos, que eram de domínio comum no século XIX (isto é, a carta era de 1852!). Aqui o lado Cotrim aparece com toda sua força. A ideia de que os povos que viviam em um estado social pré-civil ou “primitivo” – sem fé, sem lei

e sem rei – também se faz presente. A experiência de se deparar com o Outro, no caso, os escravos e a população indígena, seguiu o mesmo modo pelo qual as elites brasileiras justificavam a escravidão, isto é, o missivista se baseou na sua experiência imediata e pôde tomar as suas distâncias e projetar fábulas sem levar em conta a coincidência possível com os dados da experiência reflexiva e com os dados da realidade:

[...] y aunque por la grande estupidez de los negros y su mayor ignorancia, pues no hay uno que sepa leer o que tenga idea alguna racional, sería difícil que se conjuraran y alzarán en daño de sus amos, si una vez se llegaran a convenir y levantar, la misma brutalidad y rusticidad de sus costumbres y entendimiento haría más espantosa la venganza y cruel el estrago (Valera 2002: 191).

Restava, pelo menos, reconhecer o valor no campo cultural e aí Valera se sobressaiu, pois reconheceu a capacidade criativa dos escravos, mas com as devidas ressalvas “ambíguas” que permeavam as suas ponderações:

Los negros tienen ahora, sin embargo, sus cantos, sus bailes y sus juegos gimnásticos, los cuales no se parecen al pugilato en que Epeo, hijo de Panopes, ganó la gloria inmortal, y una magnífica mula, que aún no había sido cubierta por alto garañón, ni al *boxing* de los ingleses, ni a la *savate* de los galos, ni a la *maquila* de los vizcaínos, ni finalmente a la lucha a brazo partido de nuestros rústicos de Andalucía, sino son los más extraños y bestiales que se ven en el mundo, y consisten en darse de topetadas como dos carneros. Y hay algunos negros de cabeza tan dura y briosa que de una topetada en el pecho hacen echar las tripas por la boca al más pintado de sus antagonistas (Valera 2002: 193).

Enfim, Valera depois irá reconhecer a contribuição dada pelos escravos africanos à musicalidade brasileira e suas possibilidades para a poesia. Contudo, naquele momento preferia não discutir mais a problemática da escravidão e almejava retornar a seu país: “[...] pero no quiero meterme en honduras, allá se las hayan negros y blancos y chinos, pues lo que a mí verdaderamente me interesa y conviene es que me saquen de aquí cuanto antes, si no quieren verme morir de tristeza, como Ovidio en el Ponto, aunque sea atrevida comparación” (Valera 2002: 193).

O retorno para Espanha começa a ser o objetivo buscado, pois as decepções decorrentes e a falta de possibilidade de explorar o país minavam a sua vontade de continuar no Rio de Janeiro. Para agravar a sua situação, os problemas de saúde terminaram por motivar a sua saída do posto que ocupava na embaixada espanhola. Apesar do pouco tempo que ficou no Brasil, Valera pode tomar conhecimento do panorama cultural que imperava na capital. Assim, entrou em contato com os principais nomes da intelectualidade da época que lhe seriam de

extrema valia quando posteriormente escreveu o ensaio *De la Poesía del Brasil*, onde aborda os principais valores da nascente literatura brasileira e a separa da portuguesa. Nas cartas já se esboçavam alguns dos comentários que seriam referidos no seu ensaio, como no caso em que indica alguns dos nomes de poetas:

De poetas hay por aquí un enjambre, y algunos buenos; Magalhães, que está ahora en Nápoles de ministro, y Gonçalves Dias son los mejores; pero en particular este último, que ha sabido dar a sus compasiones la novedad, el primor, las galas, del país en que nacieron, y la vida y el fuego de este clima (Valera 2002: 180).

Além de se referir a alguns poetas, Valera também tem conhecimento de um dos nomes fundamentais para a moderna historiografia brasileira, a saber, Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878):

De libros brasileños hay poco y malo. Supongo que Varnhagen habrá regalado a Vuestra Merced un *Florilegio*. Los poetas épicos son de creer que los conocerá Vuestra Merced también. De historia brasileña escrita en portugués, nada antiguo conozco, ni aquí se encuentra; puede que se encuentre en Lisboa. Sólo sé de cierto librillo publicado por Varnhagen, pero ni le he leído, ni visto hasta ahora (Valera 2002: 199).

Estar num país que tinha o mesmo sistema monárquico que o seu, com suas especificidades, levou Valera a refletir sobre o tema da união ibérica. Se em Portugal ele sentiu uma atmosfera favorável, na ex-colônia também pressentiu um clima propício. A Espanha buscava retomar o espaço perdido com a independência das suas colônias e houve vários episódios em que a política cedia espaço para o emprego de força militar ou então no tardio reconhecimento da independência das novas repúblicas latino-americanas. Como viajante e exercendo um posto diplomático, Valera coletava informações para alimentar as suas descrições do país para os seus correspondentes. Contudo, conforme já aludimos, vários fatores se interpuseram na concretização de uma descrição sistematizada do continente americano, como o próprio Valera discorre:

Mucho me lisonjea y agrada el consejo que me da Vuestra Merced de escribir algo de América, pero sospecho que no lo seguiré, porque no soy de los que pueden escribir para el público sin decir nada nuevo, y sin estudiar antes bien lo que se ha de decir, y tampoco tengo constancia para profundizar en los libros, ni oportunidad, tiempo y dinero para viajar e instruirme. Lo que yo podía escribir eran romances de la época del descubrimiento y conquista, aunque más vale que el duque de Rivas los componga (Valera 2002: 204).

Para conseguir escrever sobre os demais países americanos, Valera pede a Estébanez Calderón que intercedesse por ele para obter outro posto diplomático em outro país e continuar, assim, remetendo informações:

Sáqueme Vuestra Merced de aquí, D. Serafín, y haga de modo que ya no me lleven a Europa, me envíen de secretario a Méjico, a Washington o a Lima, en último recurso. Con lo cual mudaré de aires, daré un gentil rodeo, y visitaré, yendo a mi destino, muchos países de América. En ellos recogeré noticias, libros *ed altra curiosità*, y remitiré a Vuestra merced lo más selecto y exquisito. No digo esto para interesarle en mi favor, sino para significarle la buena voluntad con que soy suyo afmo (Valera 2002: 211-212).

A importação de ideias presente na cultura brasileira se destaca para Valera como uma coisa singular e insólita, mas ele também está ciente de que no seu próprio país também se operava a pura e simples cópia dos modelos europeus vigentes, no caso principalmente da cultura francesa. Num país que até então fora colônia de uma metrópole que estava à margem da ordem mundial e no ocaso de seu poderio não poderia ser exceção à regra. Contudo, Valera criticava os arremedos que configuram uma apropriação sem crítica dos seus modelos originais e eram justapostos a uma realidade que operava uma nova significação do seu sentido primeiro. Em algumas cartas de Valera se pode constatar a intenção de “civilizar” ou “educar” os descendentes dos colonos aqui instalados. Um exemplo é o episódio do uso de uma vestimenta que tem toda a sua significação remitida para uma formalidade que destoa, isto é, o seu emprego significaria estar de acordo com preceitos civilizadores que minimizariam as diferenças entre os povos, visto que enfatizariam o que é comum a todos os seres humanos que o possuem. O fraque usado pelo mordomo galego do ministro Don José Delavat durante um almoço informal mostra uma artificialidade que não combina segundo o seu sogro com o meio e é considerada uma “impostura”:

Y apenas entró en el comedor, y vio al criado enfraquetado, se enfureció de manera que daba miedo verle, y comenzó a decir a don José que estaba loco, y que un hombre de juicio no consentiría de diario aquellos fracs y pelendengues. D. José se defendió como pudo, y llamó díscolo a su suegro. Éste concedió a duras penas que en un gran convite estaba bien que los criados fuesen de frac; pero en comida casera, el frac era una *impostura*, y que por nada del mundo se haría él cómplice de los impostores; y que por lo tanto – *en consecuencia d’isto, son las palabras textuales, ou o homem tira a casaca, ou vó â jantar ã minha casa, não gosto d’imposturas* (sic) [...] (Valera 2002: 196, grifos nossos).

O traje fora de contexto está destinado a se tornar uma “impostura”. A reação que se seguiu ao seu uso, relatado de maneira alegre e humorada, realça

ainda mais o conflito latente que está por detrás das tentativas de civilizar outros povos de acordo com a imagem da classe alta europeia. Ser proveniente de uma sociedade que já tinha alcançado padrões civilizados e se deparar com outra realidade que se caracteriza por estar em um estágio anterior gera o que Norbert Elias denomina como o “mal-estar que nos causa a incivilização” (Elias 1994: 72). Os destaques na citação anterior são de cunho do próprio missivista e discretamente dão alfinetadas na maneira peculiar de se expressar dos que não estão acostumados com a etiqueta, como no uso de uma vestimenta dos criados. A culpa do escândalo é imputada ironicamente ao “diabo” que nunca dorme. Esta maneira polida, extremamente gentil de corrigir alguém, principalmente por um superior na hierarquia social conforme já vimos antes nas ponderações de Elias, é uma forma de controle social muito mais eficaz. Segundo Valera, nem todos eram “pessoas ordinárias” e havia alguns que podiam ser “polidos”, isto é, se poderia difundir a civilização em outras nações, na medida em que esta já estava arraigada naqueles que compartilhavam os seus valores:

No vaya a creer usted por esto que aquí la gente es ordinaria, y que lo es en todo y para todo. Personas hay, en particular del sexo femenino, que son elegantísimas, ya por instinto natural, ya porque los diplomáticos las han desbastado, barnizado y puesto en limpio. Y entre estas mujeres de que hablo, hay una que la echaría yo a pelear con las más pulidas de Europa, porque no sólo es cortesana en el vestir y en los modales, sino que toca y se encumbra a lo científico y sublime, como otra nueva Aspasia; y en cuanto al arte de enamorar sabe un punto más que el demonio (Valera 2002: 197).

Destarte, restava a possibilidade de ensinar os rudimentos da civilização para as cortesãs, que conforme coloca o missivista antes, já tinham sido preparadas por alguns diplomatas para a vida numa sociedade de corte. Para Valera, as infidelidades cometidas pelo Imperador são vistas com mais condescendência e de maneira jocosa:

La emperatriz del Brasil es tan virtuosa como fea, y D. Pedro II le es infiel a menudo. Teatro de sus infidelidades suele ser la biblioteca de palacio; y de aquí resulta que las damas se instruyen; y las pocas vainas que el Emperador les echa, se transforman en Aspacias y en Corinas. Entretanto las menos afortunadas y hermosas, que no han ido ni van a la biblioteca, conservan la corteza primitiva, y si por acaso se quieren encumbrar alguna vez, y darlo de doctoras y redichas, se precipitan inmediata y lastimosamente en el abismo de la ignorancia (Valera 2002: 242).

Valera retrata uma sociedade desprovida dos meios mais elementares de educação. Restava para os súditos imitar as boas maneiras e os exemplos dados pelo seu Imperador:

Sus cortesanos tratan de imitarle, ocupándose de la lengua y procurando menearla con maestría. Dos de estos cortesanos tuvieron, ha poco, una profunda discusión filológica en presencia de S.M. Sostenía el uno que se decía *proguntar*, y el otro aseguraba que *preguntar* era como se decía. El Emperador los estuvo escuchando largo rato y, al cabo, señalándolos sucesivamente con el dedo, les dijo: “Ni *pro*, ni *pre*”; y les volvió las espaldas muy enojado. Aturdidos ellos, empezaron a indagar cómo habían de decir en adelante, y después de varias consultas vinieron a descubrir que en portugués se dice *perguntar*. Por este orden se va aquí adoctrinando la gente, poco a poco. (sic) (Valera 2002: 243).

Em uma sociedade pautada pelo mecanismo do favor, temos no fragmento anterior um exemplo que aponta claramente para um sistema de oportunidades fechadas e podemos reconhecê-lo nos exemplos selecionados no recorte das cartas de Valera que fizemos até agora. O missivista logrou captar a mentalidade dos desprivilegiados e constatar o enrijecimento das formas sociais e, principalmente, uma forte coesão dos que ocupam postos mais elevados na escala social. E Valera como observador que está inserido nos bastidores do poder pôde transitar e, assim, conseguiu manifestar suas ponderações de forma discreta ou explicitamente. A independência de Valera confirma que mesmo como jovem aprendiz de humanista mantinha distância dos estratos governantes e de suas opiniões, por mais vinculado a eles que pudesse estar e essa seria uma vantagem inestimável para um viajante espanhol nos trópicos.

A SPANISH TRAVELLER IN THE TROPICS: JUAN VALERA AND THE DISCOVERY OF BRAZIL

Abstract: This study shows the suitability of the content of the letters by Juan Valera for the comprehension of the socio-political Brazilian context. It also evidences how the letters influenced his writing.

Keywords: Valera; letters; Brazil; writing.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, v. 1.

VALERA, Juan. *Correspondencia* (años 1847-1861). Leonardo Romero Tobar (org).
Madrid: Castalia, 2002, v. 1.

ARTIGO RECEBIDO EM 26/08/2012 E APROVADO EM 23/09/2012.